



Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Geografia - UFPR



## NOVO CONCEITUAL PARA AS PERIFERIAS URBANAS

CARLOS RITTER<sup>1</sup>  
OLGA LÚCIA C. DE F. FIRKOWSKI<sup>2</sup>

LINHA DE PESQUISA: PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL

**Resumo:** Trata-se de um novo conceitual para as periferias urbanas na contemporaneidade, uma vez que o modelo “centro-periferia” concebido até então está carregado de fortes traços do período funcionalista da modernidade industrial, o qual não é mais suficiente para abarcar toda a dinâmica socioespacial que está a ocorrer. As periferias não podem ser concebidas e analisadas mais sob o enfoque geometrificado, deve-se, pela efemeridade e pela dinâmica das forças atuantes, considerar as características socioeconômicas formadoras dessas espacialidades, independentes da localização no tecido urbanizado.

**Palavras-Chave:** “centro-periferia”, espacialidades, periferias urbanas

A proposta defendida é a de não mais continuar concebendo periferia(s) como um lugar longe, distante fisicamente de algum ponto central, uma vez que não mais o distanciamento “geométrico” é o determinante das relações socioespaciais nos espaços urbanos.

Também é necessário acabar com a singularização deste termo, não existe “*periferia*” e sim periferias (plural) pela heterogeneidade e velocidade dos seus fenômenos.

As periferias são caracterizadas cada vez mais por outros contextos, não aqueles mensuráveis simplesmente por quilometragem ou marcação de anéis, coroas ou outro qualquer representativo geométrico, contextos esses alicerçados nas condições e contradições econômico-sociais dos seus moradores, pelas infraestruturas existentes, pelas territorialidades estabelecidas e reestabelecidas, enfim, pelas suas espacialidades.

Com as estratégias do mercado imobiliário e com as novas tendências da contemporaneidade, os paradigmas, até então vigentes, vem sendo paulatinamente quebrados, principalmente para os principais aglomerados metropolitanos - os condomínios horizontais fechados de Alphaville bem exemplificam essa nova tendência. Já é possível encontrar, no espaço urbano brasileiro, bairros localizados em áreas novas, de urbanização recente, longe das tradicionais centralidades econômicas, comerciais e financeiras das cidades-pólo,

<sup>1</sup> carlos\_ritter@hotmail.com

<sup>2</sup> Professora Orientadora

altamente aparelhados em termos de urbanização, ou seja, com superestruturas de serviços, saneamento, energia elétrica, telecomunicações, entre outras, cuja ocupação se dá por integrantes das classes econômico-sociais média/alta e alta, o que reforça a constatação da grande necessidade das revisões e das atualizações teóricas e metodológicas já mencionadas no início deste texto.

A lógica do modo de produção e apropriação do espaço urbano trazia, até então, como modelo, as *periferias* com uma aparente espontaneidade em suas construções e conseqüente morfologias anárquicas ou então como frutos da decadência de certas áreas urbanas, em função da desvalorização economicossocial. Esse modelo começa a ser quebrado também nos aglomerados metropolitanos brasileiros. A junção de interesses variados criava espaços intraurbanos, suburbanos ou periurbanos diferenciados, os quais eram facilmente identificáveis, que nos dias atuais, não pode ser percebida com tanta facilidade.

Áreas que já apresentaram boa infraestrutura e que até chegaram a ser centralidades, num tempo passado, podem constituir-se hoje em *periferias*, por não terem acompanhado as necessidades da modernidade ou por terem sido constringidas, excluídas pela pós-modernidade ou então, como exemplo oposto, pode-se encontrar áreas “geometricamente” localizadas nas bordas, nos limites territoriais de um aglomerado urbano, agora não mais enquadradas como *periféricas*, justificadas pelo fato de fazerem parte de uma arquitetura do grande capital e ação efetiva do Estado, configurando-as como externalidades positivas, de interesse globalizante, seja na forma de um hipermercado, um empreendimento de lazer, um condomínio horizontal fechado de luxo, entre outras tantas modalidades. Não são *periferias* e muitas vezes passam a ser novas centralidades.

Ao ser disponibilizada infraestrutura básica, ao se promover uma regularização fundiária, enfim ao se urbanizar áreas tidas como “periféricas”, por motivações diversas, principalmente econômico-políticas, fazem com que elas deixam de ser “periféricas”- ocorre, portanto, um processo de *desperiferização*. É observado também que muitos daqueles que habitavam essas áreas, enquanto “periferia”, deixaram-nas durante o processo de “urbanização-regularização”, passando a ocupar novas áreas, geralmente pelo processo de invasão, pela ilegalidade, reproduzindo nessas as mesmas precariedades socioespaciais daquelas que abandonaram, configurando assim uma *reperiferização*.

Sabe-se hoje que os processos de adensamento, parcelamento e ocupação do solo urbano ou a conversão do rural em urbano, ou apenas em periurbano se dão em maior

proporção para atender aos interesses especulativos, do que para satisfazer as concretas necessidades ocasionadas pelo aumento populacional.

Com os processos de conurbação e comutação, os aglomerados metropolitanos passam a apresentar um tecido urbano cada vez mais distendido, cujas bordas das cidades-pólo se juntam às das outras, nem sempre com as mesmas infraestruturas. Normalmente são conectadas às partes limítrofes das municipalidades satélites, em que reinam condições precárias de urbanização, em virtude do fato de esses espaços concentraram, na maioria das vezes, um contingente de mão-de-obra barata ou de excluídos voltado muito mais à cidade-pólo do que à cidade-satélite onde se está residindo.

Essas áreas, pela territorialidade, pela infraestrutura, pela distância social de sua qualidade de vida podem configurar-se como *periferias*, no entanto, há uma tendência mercadológica com apelo até *ecologizado* de transformá-las, em alguns casos, em centralidades comerciais, empresariais, residenciais ou tudo isso junto – as *Edge Cities*<sup>3</sup>, fato esse que as exime do título de *periferias*.

Outro ponto a se ressaltar diz respeito ao fim dos intensos fluxos populacionais do campo para as cidades, principalmente para os aglomerados metropolitanos brasileiros, uma vez que o conceito de “periferia” estava intimamente associado ao êxodo rural. Esses contingentes, uma vez expulsos do campo, eram atraídos pelos inúmeros predicados atribuídos à cidade-pólo, porém, ao chegarem se viam desqualificados e, principalmente, descapitalizados a ocupar a “cidade”, a “metrópole”, conseqüentemente, passavam a fazer parte das suas franjas, do seu entorno ou das suas áreas insalubres. Esse êxodo praticamente não existe mais no Brasil, o que se tem na atualidade são as migrações intraurbanas ou intrametropolitanas, uma vez que a metrópole e a pós-metrópole produzem pobres e reproduzem a pobreza nos seus interiores.

As *periferias* não devem ser concebidas pela simples localização na região metropolitana, mas pelas territorialidades formadas e pela qualificação de suas espacialidades, uma vez que o interesse contemporâneo recai no teor de suas materialidades e na subjetividade das suas potencialidades.

As *periferias*, ao mesmo tempo em que apresentam maior intensidade e volume, apresentam crescente efemeridade em suas espacialidades, pois, ao passo que são os locais possíveis à massa cada vez maior de pessoas expulsas pelo mercado fundiário urbano, são,

---

<sup>3</sup> Trata-se das cidades “fora” da cidade, ou seja empreendimentos empresariais, com escritórios, comércio entre outras funcionalidades e também residenciais localizados fora dos perímetros urbanos ou então em áreas do entorno de uma metrópole.

também, objeto de crescente interesse do mercado especulativo dentro das tendências da contemporaneidade. Dessa forma, é possível encontrar *periferização, desperiferização e reperiferização*.

É importante ressaltar que uma vez mudada a concepção de *periferia(s)*, obrigatoriamente, tem-se que evoluir também quanto ao conceito de *centro(s)*, e valorizar cada vez mais os múltiplos estágios intermediários e híbridos entre esses dois extremos, não se limitando apenas a uma análise dualista.

## **BIBLIOGRAFIA CONSULTADA**

- ANGOTTI, T. The estate market in the United States: progressive strategies. Encontro Internacional: Democracia, Igualdade e Qualidade de Vida. O desafio para as cidades do século XXI. Porto Alegre: SCPRS/UFRGS/FAUUSP/ Planners Network, 1999.
- CALDEIRA, T. P. do R.. Cidade dos Muros. Crime, Segregação e Cidadania em São Paulo. São Paulo: Edusp, 2000.
- CARLOS, A. F. A. A natureza do espaço fragmentado. In SANTOS, M., SILVEIRA, M., SOUZA, M. (orgs.) Território, globalização e fragmentação. São Paulo: Hucitec-ANPUR, 1996 – 197.
- \_\_\_\_\_ O espaço urbano: Novos escritos sobre a cidade. São Paulo: Contexto, 2004.
- CORRÊA, R. L.. Trajetórias Geográficas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.
- \_\_\_\_\_ O Espaço Urbano. São Paulo: Ática, 1995.
- DAVIS, M. “Planeta de favelas: a involução e o proletariado informal”. Artigo publicado na Newleft Review, nº 26, Mar/Abr de 2004, p. 5-34.
- MOREIRA, R.. Pensar e ser em Geografia: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico. São Paulo: Contexto, 2007.
- MOURA, R., ULTRAMARI, C.. O que é Periferia. São Paulo: Brasiliense, 1996.